



TRAJETÓRIA DA VIDA DE MULHERES E A DESIGUALDADE NAS RELAÇÕES DE GÊNERO

Noêmia de Fátima Silva Lopes¹, Maria de Fátima Lopes².

¹ Mestre em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa, Especialista em Organização do Trabalho e Serviços no Âmbito das Políticas Públicas Municipais, Graduada em Serviço Social. Professora do Curso de Serviço Social da Faculdade de Ciências Gerenciais de Manhuaçu (FACIG).

² Doutora em Antropologia Social, Mestre em Economia Doméstica, Graduada em Economia Doméstica. Professora Associada da Universidade Federal de Viçosa e Coordenadora-Geral do Curso de Pós-Graduação em Gestão de Políticas Públicas, Gênero e Raça.

Resumo. Este artigo foi construído a partir do estudo da história de vida de mulheres líderes nas pastorais da Igreja Católica da comunidade de Soledade, localizada na Zona da Mata Mineira. O objetivo deste trabalho foi analisar, a partir das narrativas de Clara, Lúcia e Vitória, como são vivenciadas e construídas as relações de gênero e poder na Igreja Católica de Soledade. O método utilizado foi a pesquisa qualitativa, com entrevistas semiestruturadas e observação direta participante com análise das narrativas. Por meio do estudo sobre a vida dessas mulheres, os autores verificaram as implicações de gênero no campo religioso e na vida dos sujeitos em estudo. Concluiu-se que o espaço pastoral católico tem contribuído para a sociabilidade e emancipação dessas mulheres, no entanto, ainda sofrem os reflexos da desigualdade de gênero em suas vidas. Apesar dos avanços conquistados, como observados na vida dessas mulheres, verificam-se contradições culturais, sociais e econômicas que acirram as desigualdades de gênero, assim como de raça, etnia e classe social. A persistência de variadas relações de subordinação das mulheres evidencia e sinaliza a dimensão dos desafios que continuarão sendo enfrentados por todos aqueles que lutam pela eliminação das desigualdades e da diferença e reafirma a necessidade de uma consciência de classe na busca por uma sociedade sem minorias excluídas.

Palavras-chave: Relações e desigualdade de Gênero; Religião; Trajetória da Vida de mulheres.

Área do Conhecimento: Gênero.

INTRODUÇÃO

O interesse pelo estudo é resultado das inquietações alusivas a observação sobre a construção das relações de gênero na sociedade. Reflexões que nasceram no campo do religioso, na experiência política vivenciada em grupos e movimentos sociais, já que estas vivências possibilitaram um olhar diferenciado sobre as relações sociais estabelecidas na sociabilidade capitalista.

Este estudo objetiva analisar a partir de narrativa de mulheres como são construídas as relações de gênero na igreja católica. A questão problema desta pesquisa fundamentou-se na seguinte inquietação: os espaços ocupados pelas mulheres na igreja católica de Soledade contribuem na construção de relações de sociabilidade e emancipação da mulher ou reforçam a submissão feminina?

A incorporação da categoria de gênero, interligada com a classe social e etnia, não só é útil para a elaboração da história das religiões, como também uma forma de adentrar esse campo e compreender a história das mulheres “invisíveis” na religião, bem como suas relações com as formas de estruturação do poder. Nesse sentido, a influência das ideias feministas nos estudos da

religião é parte do processo de desenvolvimento do pensamento contemporâneo, pois pesquisas analíticas baseadas em trabalhos empíricos feministas permitem a produção de um novo olhar sobre a relação das mulheres com o campo religioso. As religiões também podem oferecer espaços sociais de negociação, articulação e de realização de projetos das mulheres (BANDINI, 2008). O argumento é que, para as mulheres construir esses espaços nos quais elas possam orientar suas vidas e desejos, elas precisam, muitas vezes, subverter, apropriar ou reinterpretar as específicas convenções sociais.

A pesquisa foi realizada em Soledade, localizada na Zona da Mata Mineira, uma pequena comunidade rural do Município de Manhuaçu MG.

DESENVOLVIMENTO

Para Grossi (2004), gênero alude a uma alteridade estrutural fundada a partir do campo de linguagem que concebe as diferenças opostas de sexo; o que não impede as variações culturais e históricas do masculino e feminino, mas sempre construídas pelo ideário da separação. Nas sociedades ocidentais modernas, sob influência do cristianismo, essa separação primeira deriva

outras e marca as relações de poder na vida de homens e mulheres a partir do mito do “amor materno” (OLIVEIRA, 2008).

Embora o gênero possa ser invisível nas grandes teorias da sociologia da religião, por bem mais de um século, tem sido visibilizado claramente pela teoria feminista. Segundo Woodhead (2002), a ferramenta analítica das teorias do feminismo tem contribuído fortemente com o tema de gênero e religião. Na abordagem liberal marxista, a análise é de que a religião é patriarcal, ou seja, planejada e executada por homens que legitimam seus interesses por meio da exclusão ou marginalização das mulheres, tanto material quanto ideologicamente. A autora propõe uma teoria de gênero e religião, sugerindo que:

A participação religiosa das mulheres deve ser entendida em relação à habilidade das religiões em lhes prover um espaço social que não seria disponível para elas de outra maneira. Este ponto de partida tem a vantagem de ser óbvio e tratar as mulheres como agentes racionais ao invés de tratá-las como marionetes do patriarcado. As mulheres podem ocupar estes espaços por várias razões: porque eles provêm um capital social cultural, permitem formação de identidade, oferecem formas particulares de permissão e porque eles permitem às mulheres articular suas esperanças, medos, desejos e convicções morais, entre outras (WOODHEAD, 2002, p.1).

A partir dessa premissa, a referida autora argumentou que a participação das mulheres na religião é influenciada significativamente pelos espaços sociais disponíveis para elas em uma sociedade particular. No campo da religiosidade, isso significa que, para compreender a participação feminina na religião em uma sociedade, devemos compreender os espaços sociais disponíveis para as mulheres nessa mesma sociedade. Essa afirmação se confirma em Soledade, no espaço pastoral católico. Muitas mulheres participam e frequentam esse lugar como única opção de espaço social disponível para elas. Algumas fazem dessa única opção uma forma de conseguir o que almejam que, com certeza, vai para além do religioso. Estar no espaço religioso significa ser menos questionada pela família sobre sua conduta, moral ou lugar socialmente ocupado por elas. Com isso, se empoderam de espaços que podem contribuir com a sua emancipação social e política, mesmo que eles não sejam aparentemente de status e poder. No entanto, são fundamentais para garantir a permanência das mulheres em lugares na sociedade historicamente a elas negados.

A sociedade tem papel fundamental na criação e perpetuação das identidades de gênero, pois é inegável que a influência das ideias religiosas

ainda seja muito forte em nosso meio. Gênero tem sido, desde a década de 1970, o termo usado para teorizar a questão da diferença sexual. Foi inicialmente utilizado pelas feministas americanas com vistas a acentuar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. Os estudos sobre gênero enfatizam a necessidade da rejeição do caráter fixo e permanente da oposição binária “masculina versus feminino” e a importância de sua historização e “desconstrução” (SCOTT, 1992); revertendo-se e deslocando-se a construção hierárquica, em lugar de aceitá-la como óbvia ou como estando na natureza das coisas.

De acordo com Scott (1990), a maneira como a história iria simultaneamente incluir e apresentar a experiência das mulheres dependeria de como o gênero poderia ser desenvolvido enquanto categoria de análise. Aqui, as analogias com a classe e a raça seriam explícitas; com efeito, os pesquisadores de estudos sobre a mulher que tinham visão política mais global recorriam regularmente a essas três categorias para escrever uma nova história como bem ressalta a autora. O interesse pela categoria gênero assinalava, inicialmente, o compromisso do pesquisador com uma história que incluía a fala dos oprimidos e com uma análise do sentido e da natureza de sua opressão. Assinalava também que esses pesquisadores levavam cientificamente em consideração o fato de que as desigualdades de poder estão organizadas segundo no mínimo, esses três eixos: classe, raça e gênero.

Nessa ótica, a mulher é levada a assumir uma identidade reducionista que a impede de se afirmar enquanto mulher ou como um ser humano igual aos outros. Ela é levada a assumir a condição de mãe, esposa, filha, de emoção, subjetividade e sentimento; o que a distancia do modelo masculino vigente na sociedade.

Quando Scott (1990) definiu o estudo de gênero não como um estudo de mulheres, e sim da relação entre o masculino e o feminino, entendemos que o exame do objeto proposto seja uma análise dessa relação e que implica símbolos culturalmente construídos, principalmente quando se fala da Igreja Católica enquanto instituição que incorpora representações simbólicas milenares. Não se trata de dar lugar às mulheres somente a partir da narrativa, frente a todas as conquistas que o movimento feminista vem conseguindo e frente à tomada de espaços importantes pelas mulheres no social; mais do que isso, Scott (1992) aponta que há a necessidade de se firmar um outro caminho de conhecimento, pautado em novos conceitos, iluminados pelos avanços no campo da história das mulheres, utilizando, para isso, a categoria gênero.

A história das mulheres não é só delas, é também aquela da família, da criança, do trabalho, da mídia, da literatura e das suas imagens frente à sociedade, é a história do seu corpo, da sua sexualidade, da violência que sofreram e que praticaram, da sua loucura, dos seus amores e dos seus sentimentos (DEL PRIORE; PASSANEZI, 1997, p.7).

Para tanto, apresenta-se, neste trabalho, a história de três mulheres pertencentes à Igreja Católica, líderes de pastorais da comunidade de Soledade: Clara, Vitória e Lúcia. Vidas quase que anônimas da sociedade, representadas pelas suas aspirações, realizações, angústias, derrotas, companheirismos, preconceitos, desejos e sonhos. Trata-se de uma tentativa de construir, a partir das narrativas, um diálogo com a categoria gênero, foco do presente estudo.

DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Clara nasceu em Caputira, cidade vizinha de Soledade. A família morou naquela cidade por 25 anos e se mudou para Soledade; havia mais lavouras de café e isso significava mais trabalho. Clara tinha apenas dois anos de idade. Dessa forma, suas referências e lembranças são de Soledade, lugar onde reside até hoje.

Eu morei em outros lugares, mas vim pra cá tinha dois anos, então eu não tenho lembrança assim de quando eu morava lá. Então, hoje pra eu sair daqui é até difícil, eu acostumei muito com essa comunidade. (Entrevista de Clara, em 20 de julho de 2010).

Clara tem 28 anos, é casada com João há oito, depois de três anos de casados tiveram uma filha que hoje está com 5 anos. Ela e o marido não são “donos da terra”, vivem como pequenos produtores agrícolas na condição de meeiros¹, em uma pequena propriedade na comunidade de Soledade e moram em uma casa construída nesse local, cedido pelo sogro. Clara cuida da filha e trabalha na roça com o marido, não recebe pelo serviço que faz e nem possui renda, então, o marido administra o dinheiro recebido pelo trabalho do casal.

Apesar de Clara ter participação nos trabalhos de produção agrícola e contribuir nos rendimentos domésticos da família, o cuidado com o lar e com os seus membros é percebido pela sociedade e

pelo marido como responsabilidade feminina. O marido de Clara – que agora conta com a contribuição da esposa para o rendimento comum da unidade doméstica – não transfere parte do seu tempo para o cuidado com a esfera privada e nem parte do lucro alcançado pelos dois, perpetuando-se a hierarquia de gênero. Uma realidade experimentada por muitos nessa condição social, corroborando e confirmando o que Sorj (2007) diz sobre o trabalho doméstico. Uma das características dessa desigualdade é a sua naturalização. É atribuído à disposição, ao talento, ao gosto das mulheres ocuparem-se das atividades domésticas como prova de feminilidade ou afeto para com os membros da casa. Clara representa bem essa cultura. Trabalho gratuito é concebido como parte da “natureza feminina”.

Quanto à religião, a família de Clara é de origem católica e as mulheres sempre participaram da Igreja mais ativamente que os homens. A mãe, ela e as irmãs participaram da comunidade católica desde muito cedo e Clara atuou na Pastoral Catequética e na Pastoral da Criança tal qual a mãe e a irmã mais velha, com uma diferença: Clara era líder e assumiu um cargo na coordenação da Pastoral da Criança. Na data da entrevista, Clara estava como vice e logo em seguida assumiu a função de coordenadora, tendo em vista o afastamento temporário no final de uma gravidez da coordenadora geral.

Clara tornou-se líder somente após o casamento. Esse fato confirma a reprodução de uma cultura. Após o casamento o casal “deverá” ser mais responsável, principalmente a mulher que após o ritual do casamento, “deverá manter suas relações sociais com outras mulheres casadas, não mais com as solteiras, pois elas são mais responsáveis”. Tanto o homem quanto a mulher agora podem assumir cargos que exigem maior responsabilidade, dedicação e compromisso como o de líder, “estão mais preparados”. Dessa forma, o reconhecimento e a aceitação da comunidade em relação aos líderes são muito maiores pelas pessoas casadas do que pelas solteiras ou amasiadas. Clara vivencia essa realidade na condição de casada e enquanto coordenadora de uma pastoral da Igreja Católica.

Para Clara, família e religião possuem o mesmo significado e estão totalmente imbricadas.

[...] é a família e a religião que nos dá um ensinamento na família, é o aprendizado, a gente aprende na religião, como educar, como ser educado (risos). Ah eu vejo que família, comunidade e pastoral tem que caminhar junto, tá sempre buscando coisas novas, tá sempre não deixando a oração de lado, que de repente cê tem uma religião só lá dentro da igreja e às vezes cá fora na família deixar de lado, que eu vejo é isso, ter um entrosamento entre a igreja e a religião, a comunidade e a família, tá tudo

¹ Meeiro é um termo usado na região como em outros lugares – é uma condição social – um segmento de classe camponesa. Meeiro/a é aquele/a que trabalha em propriedade alheia e divide a metade do lucro produzido ao final de cada colheita, seja de café, milho ou feijão. São pessoas que firmam contratos de parceria, oficializados em cartório e testemunhadas no sindicato rural do município.

ligado (Entrevista de Clara, em 20 de julho de 2010).

Em sua fala, Clara afirma que se sente bem no espaço religioso, “estar em casa é estar em família”; não consegue ver família separada do trabalho pastoral e da religião. Além das pastorais, ela participa de outros grupos e movimentos como o Apostolado da Oração e as CEBs².

Para Clara e outras mulheres, o espaço religioso é transformado em alternativa para o ingresso e participação no meio público e social. “Buscar coisas novas”, para Clara, significa sair da rotina do doméstico, que não deixou de ser importante para ela, mas o espaço religioso pastoral supre parte de uma necessidade não satisfeita na família. O convívio com outras pessoas, o debate de temas religiosos, políticos ou sobre cidadania que muitas vezes não são explorados na família etc., contribuindo com a participação e permanência de Clara e de outras mulheres, como Vitória, nesse lugar.

Vitória tem 47 anos, nasceu em Vermelho Novo, município onde viveu com sua família até o casamento, motivo pelo qual se mudou para Soledade. Mora em Soledade há 26 anos, mora em casa e terras próprias, como o marido e dois filhos mais novos, a filha mais velha mora e trabalha fora de Soledade. Relata que foi difícil no início, achava tudo diferente e tinha que se acostumar com o lugar, conhecer as pessoas, fazer novas amizades, mas depois se acostumou e, hoje, gosta muito de Soledade.

A família é de origem e orientação religiosa católica, assim como Clara, dá continuidade a cultura e crença religiosa católica. A educação recebida pelos pais seguiu a tradição e cultura patriarcal; um modelo rígido e tradicional. Vitória, desde muito cedo, participou da igreja junto com os irmãos e os pais. O conceito de religião de Vitória é “convivência, é estar bem com as pessoas e estar no meio do povo”. Encontra, na

religião, o suporte e a força para superar os desafios.

Aos 14 anos participava de grupo de jovens, sendo líder desse grupo, em Vermelho Novo. Na época seu desejo era participar do encontro em Caratinga, do movimento Shalom³. Nesse período estava em seu auge, aglomerava grande número de jovens e possuíam características semelhantes com o movimento carismático católico atual. Na década de 1990, foi substituído pela pastoral da juventude na Igreja Católica.

Vitória morou em São Paulo dos 16 aos 18 anos com um dos irmãos. O objetivo que seria de estudar não foi alcançado, pois seu irmão, sem condições financeiras e econômicas, não pôde o sustentar e permanecer com Vitória em sua casa. Enquanto morou lá se envolveu no trabalho com o grupo de jovens, desenvolveu atividades com jovens em situação de rua e trabalhou na catequese.

Retornou de S. Paulo sem realizar o sonho de estudar. Junto com sua família em Vermelho Novo, logo o pai a pressionou para se casar aos 16 anos de idade. Após o casamento, foi morar em Soledade na propriedade do marido. Imaginou que o casamento pudesse proporcionar uma vida diferente daquela vivida com a família. No entanto, na vida de casada, Vitória continuou sofrendo e vivenciando a mesma diferença e discriminação de gênero que sofria com os pais. Vitória partilhava suas angústias com a cunhada Lúcia.

Lúcia nasceu em Sacramento. Sua família é de Vermelho Novo atualmente mora em Soledade há, aproximadamente, 35 anos, e gosta muito do lugar. Seus pais se separaram quando era bem jovem e, na época, ela veio morar com o pai e os irmãos em Soledade; sua mãe ficou em Caratinga. Casou-se aos 16 anos e hoje tem 30 anos de casada e 46 de vida. Tem três filhos: dois homens e uma mulher; a filha mora em outra cidade, é casada, e os dois homens são solteiros, moram com os pais em Soledade.

A família vive na roça, é trabalhadora rural e possui uma pequena propriedade. Lúcia trabalha na roça no período da safra e colheita do café, que inicia em maio e estende-se até, no máximo, setembro. Somente a filha mais velha, que saiu de casa para estudar, tem seu emprego e é independente. Hoje, não possui mais vínculo nem depende da terra para sobreviver.

² De acordo com Frei Beto (2000) As comunidades eclesiais de base (CEB's) são pequenos grupos organizados em torno da paróquia (urbana) ou da capela (rural), por iniciativa de leigos, padres ou bispos na igreja católica. As primeiras surgiram por volta de 1960, em Nísia Floresta, arquidiocese de Natal, segundo alguns pesquisadores, ou em Volta Redonda, segundo outros. De natureza religiosa e caráter pastoral, as CEB's podem ter dez, vinte ou cinquenta membros. Nas paróquias de periferia, as comunidades podem estar distribuídas em pequenos grupos ou formar um único grupão a que se dá o nome de comunidade eclesial de base. É o caso da zona rural, onde cem ou duzentas pessoas se reúnem numa capela aos domingos para celebrar o culto. Disponível em www.estef.edu.br/zugno/wpcontent/uploads/2011/.../CEBs-frei Betto.pdf. Acesso em 01 de out. de 2014.

³ Na década de 1970 surgiu o Grupo de Jovens Shalom (palavra que em Hebraico significa paz), nesta época não se falava grupo e sim comunidade de jovens. Esta comunidade ou grupo de jovens tinham o objetivo de estudar e refletir a Bíblia nas reuniões que eram realizadas todos os domingos. Os trabalhos Apostólicos eram visitar hospitais, orfanatos, asilos, famílias desamparadas. Nas missas participavam ativamente contribuindo com a liturgia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org>. Acesso em: 03 jul. 2014.

A infância e a adolescência de Lúcia foram marcadas por acontecimentos não muito comuns na época em Soledade, como a separação dos pais. Depois da separação os filhos moraram com o pai. Lúcia foi educada de forma reprimida, sem a presença e a figura da mãe. Depois de um tempo, considera que superou alguns desafios, segundo seu relato:

Pra começar, quando eu era criança eu sentia muito presa, eu não tinha liberdade pra fazer muita coisa, aí fui crescendo, virei jovem, meu pai tirou muito a liberdade, a gente era muito presa pelo meu pai, não dava muito oportunidade, aí com 16 anos cheguei à juventude, já foi pra, quer dizer com 16 anos casei, era momento difícil aí vieram os filhos, agora depois que eu completei meus 35 anos que comecei a ter minhas decisões, a ter mais atitude. Parece que alguma coisa libertou, agora não, eu sou independente, o que eu posso fazer eu tenho atitude de fazer, com firmeza e eu não tinha essa firmeza, tudo que eu ia fazer eu tinha medo, tinha medo de magoar alguém, de tá atrapalhando alguma coisa. Eu tenho minhas decisões próprias, isso ajuda muito! (Entrevista de Lúcia, em 29 de julho de 2010).

Lúcia lamenta o passado, reconhece que não tem como voltar atrás e, segundo ela, busca fazer diferente no presente. Acredita que a situação vivenciada pela família contribuiu com suas dificuldades e limitações.

A vivência da família e da comunidade que me deu oportunidade, isso depois dos 35, então eu perdi bastante tempo da minha vida, se eu tivesse começado adolescente, tanta coisa que eu tinha feito! Depois de 35 anos que cê vê que (silêncio). Pois é, eu vou fazer 46 anos então quer dizer que eu perdi muito tempo, se eu tivesse feito nos meus 35 pra trás, é muita coisa que eu tinha feito. Tinha que aproveitar esse tempo, mas já passou, então não tem como voltar atrás. (fala com mágoa). Eu acho que um pouco foi a família que atrapalhou, o negócio de ser filha de pais separados, acho que me atrapalhou bastante. Acho que se fosse agora, se 1974 fosse agora eu acho que mudaria bastante coisa, mas não tem como voltar o tempo (risos), então, vamos tentar melhorar daqui pra frente, aproveitar meus 46 anos, até enquanto Deus permitir, cada dia melhor (Entrevista de Lúcia, em 29 de julho de 2010).

A religião ocupa lugar de destaque na vida de Lúcia, que expressa: “qualquer dificuldade que tenho é ali na religião que procuro a Deus e vou falar de todos os meus problemas”. Para ela, não é possível imaginar a família sem religião. Este é um pensamento de Lúcia, Clara e Vitória.

Outro aspecto que merece destaque na vida dessas mulheres é o desejo do conhecimento e a frustração de não terem tido a oportunidade de

frequentarem uma escola regular além do ensino fundamental. No entanto, foram vítimas de uma cultura machista e de exclusão por serem mulheres.

As mulheres têm uma jornada semanal superior à dos homens: ao se conjugarem as informações relativas às horas de trabalho dedicadas às tarefas domésticas com àquelas referentes à jornada exercida no mercado de trabalho. De acordo com dados da OIT (Organização Internacional do Trabalho), apesar da jornada semanal média das mulheres no mercado de trabalho ser inferior a dos homens (34,8h contra 42,7h), ao computar-se o trabalho realizado no âmbito doméstico, a jornada média semanal total das mulheres alcança 57,1h e ultrapassa em quase cinco horas a dos homens (52,3 horas)⁴.

Pesquisas orientadas pela categoria de gênero revelam que as diferenças atribuídas aos homens e às mulheres produzem e reforçam relações de poder. Essas diferenças são estabelecidas em contextos históricos de dominação que persistem no tempo. De acordo com Heilborn (2004), o conceito de gênero contribui para a análise da sociedade, ao questionar os padrões sociais estabelecidos para homens e mulheres. Ao provar que as diferenças de padrões foram construídas historicamente, os estudos de gênero evidenciam a possibilidade de reverter injustiças e construir um horizonte equânime na relação entre homens e mulheres.

A NATURALIZAÇÃO FEMININA E A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

De acordo com o pensamento de Vitória, “A família é a base de tudo”. Segundo ela, “ninguém sai de uma família para ir à igreja se não tiver uma conscientização”. Vitória acredita que se a pessoa tiver uma “boa estrutura familiar” ela vai saber conviver bem na sociedade. Em sua opinião, “a catequese começa na família”. Mas, a mulher enfrenta muitos desafios em casa para participar da vida social.

A forma como as pessoas lidam com os desafios no trabalho e na vida familiar são marcadas pelas desigualdades de gênero. As desvantagens vivenciadas pelas mulheres afetam a renda, o compromisso, a estabilidade nos postos de trabalho e a qualidade de vida de todos os membros da família. A conciliação entre vida familiar e atividade laboral constitui um dos grandes desafios de nosso tempo e tem sobrecarregado a mulher.

De acordo com as fontes do IBGE (2012), Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios, na separação de papéis entre homens e mulheres na sociedade, o trabalho doméstico é uma atividade predominantemente feminina. A jornada média semanal das mulheres nessas atividades é 2,5 vezes maior que a masculina. Em 2011, as mulheres dedicavam, em média, 27,7 horas semanais a afazeres domésticos, enquanto os homens destinavam somente 11,2 horas de seu tempo para tais atividades. Na população ocupada, de 16 anos ou mais de idade, as jornadas se reduzem a 22,3 horas e 10,2 horas, para mulheres e homens, respectivamente. Com efeito, pode-se afirmar que, apesar da participação conjunta de homens e mulheres no mercado de trabalho, não há uma divisão equânime das tarefas domésticas, cabendo às mulheres a responsabilidade pela maior parte deste tipo de trabalho.

Em 2011, a jornada total das mulheres em ambos os trabalhos era de 58,5 horas e, para os homens, 52,7 horas. No caso das mulheres, a menor jornada foi registrada na Região Norte (55,6 horas) e a maior, na Região Sudeste (59,5 horas). Entre os homens, a menor jornada foi verificada na Região Nordeste (51,3 horas) e a maior, na Região Centro-Oeste (54,1 horas). Estes indicadores mostram que a desigualdade de gênero se manifesta não somente por meio dos rendimentos, mas também com relação à distribuição do tempo, visto que a jornada total das mulheres ocupadas excede a jornada masculina em quase 6 horas. O trabalho produtivo resulta na produção de bens ou serviços com valor de mercado (esferas pública e profissional), enquanto o trabalho reprodutivo engloba atividades de apoio, sobretudo domésticas, tal como os cuidados com as crianças (esfera privada, não remunerada).

O maior envolvimento das mulheres com o trabalho doméstico explica, em grande parte, a sua menor jornada no mercado de trabalho. Vitória sente essa realidade como um sobrepeso. Sabe-se que essa cultura tende a modificar-se, mas ainda é muito presente⁵.

⁵ As estatísticas também contribuem para a erradicação da violência contra as mulheres, fornecendo subsídios para a concepção das políticas e serviços necessários. Um projeto liderado pela UNECE desenvolveu um questionário que servirá de padrão para a coleta de dados sobre este tema. Muitas características específicas foram discutidas e incentivaram os institutos nacionais de estatística participantes a testar o questionário. Um outro evento importante a ser destacado é a resolução da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, de 2 de julho de 2010, que, em um movimento histórico, aprovou, por unanimidade, a criação de uma nova entidade para acelerar o progresso na satisfação das necessidades das mulheres no mundo inteiro. A Entidade das Nações

Vitória declara que a mulher tem que dar exemplo e diz: “que a mulher tem que ser espelho”. Então, pergunta-se, para quem e porque a mulher deve ser espelho, e ela responde:

Ela tem que ser espelho pra sociedade, primeiro ela tem que ser espelho na própria casa, na família dela, pro marido, pro filho né, ela tem que ser... A mulher é sofredora porque, além de tudo isso, ela tem que ter força pra viver, enfrentar os desafios, porque ela tem muitos desafios dentro de casa e na comunidade. Ela trabalha mais. Por exemplo, a mulher que tem filhos pequenos, ela tem muito mais compromisso! Você é mulher mãe, esposa, é mulher, mãe do jovem e daqueles meninos todos e tem que dar conta de todas as suas tarefas, pois, ninguém vai fazer pra você, são nossas mesmo! (Entrevista de Vitória, em 28 de julho de 2010).

Ser espelho, para Vitória, é ser referência na família, exemplo de “moral”, é não poder errar e não reclamar e mesmo nos reveses da vida, sorrir e estar pronta para servir os filhos e o marido, “tudo a tempo e a hora” principalmente no espaço doméstico.

É importante notar que a divisão sexual do trabalho (KERGOAT, 2007) começa a ser moldada na infância, na divisão de tarefas e espaços, distribuídos distintamente entre meninos e

Unidas para a Igualdade de Gênero e Empoderamento da Mulher (United Nations Entity for Gender Equality and the Empowerment of Women - UN WOMEN), a ser conhecida como “ONU Mulheres”, irá aumentar significativamente os esforços das Nações Unidas para promover a igualdade de gênero, expandir as oportunidades e combater a discriminação em todo o globo, segundo o Secretário-Geral Ban Ki-moon. O IBGE, através da Síntese de Indicadores Sociais, tem procurado descrever o papel de homens e mulheres na sociedade, na economia e na família, fornecendo assim subsídios para formulação e monitoramento de políticas específicas além de acompanhar as mudanças, informando a sociedade em diversos níveis. O eixo escolhido para conduzir os indicadores sobre mulher a partir das informações da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios - PNAD foi o trabalho decente. Um dos pontos retomados na 99ª Conferência Internacional do Trabalho, realizada pela Organização Internacional do Trabalho - OIT, foi a discussão sobre trabalho doméstico no sentido de valorizar e fortalecer os direitos de trabalhadores nestas atividades. Segundo a OIT, a demanda por trabalho doméstico tem crescido no mundo todo. Contribuíram para isso as mudanças na estrutura familiar, na organização do trabalho, na entrada maciça de mulheres no mercado de trabalho, entre outros fatores. As dificuldades de integração da vida profissional com a vida doméstica têm causado um crescimento das desigualdades entre segmentos de mulheres. A responsabilidade pelos cuidados com crianças ou idosos atinge fundamentalmente as mulheres, e é nesse ponto que as políticas públicas têm um papel fundamental. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

meninas. Ao estimular meninos e meninas a assumirem atitudes diferenciadas e a ocuparem espaços igualmente distintos, para elas, a passividade no ambiente doméstico e, para eles, a atividade no espaço público, de forma mais ou menos sutil vai se influenciando também a sua inserção profissional futura. Mas não só; muitas vezes não se percebe o quanto os gestos, os brinquedos, as palavras etc. moldam o feminino e o masculino, naturalizando os papéis e espaços ocupados pelos dois sexos. Este e outros desafios são e enfrentados por homens e mulheres na sociedade.

Os desafios sempre foram enfrentados por Lúcia; a dupla jornada de trabalho, a timidez e o medo a incomodam profundamente. Hoje, Lúcia considera que venceu esses problemas, antes não tinha coragem de ler ou falar em público, hoje, se for necessário, fala, lê, faz reflexões no altar, não se intimida mais, tem confiança em si mesma e demonstra ser uma mulher de fé.

[...] eu tenho muita fé! Qualquer coisinha, dificuldade que eu tiver passando eu vou e peço ajuda a Deus e a Nossa Senhora e tenho conseguido, graças a Deus! A fé minha é muito forte nessa parte! Eu acho que na medida que cê vai passando, mexendo com as coisas de Deus, parece que as coisas, as portas vão se abrindo. Tem dia cê tá achando as coisas difíceis, cê pede ajuda e parece que Deus te carrega no colo, graças a Deus eu só tenho que agradecer! (Entrevista de Lúcia, em 07 de agosto de 2010).

Em tudo que faz está sempre pronta para ajudar, mesmo que isso a prejudique, pois Lúcia não sabe dizer “não”.

Eu acho assim, eu sou uma pessoa assim, eu não sirvo só pra mim, eu sirvo tanto pras outras pessoas, quem precisou de mim, eu tô disponível, sempre eles falam que a minha palavra “não” não existe, eu não sei falar não. Às vezes eu to com vários problemas, várias coisas pra fazer, se alguém precisou da minha ajuda, lá vai a Lúcia para ajuda mesmo, ela não sabe falar não. Então nessa parte eu me sinto bem importante, porque ter atitude e não dizer não! (Entrevista de Lúcia, em 07 de agosto de 2010).

Lúcia espera de Deus a recompensa pelas suas atitudes, a doação aos outros e à comunidade.

Às vezes me prejudica um pouco (risos), às vezes cê protela uma coisa na frente, eu esqueço de mim e vou ajudar outras pessoas, mas depois vem a recompensa. Às vezes cê mau nota que as coisas vêm sem a gente perceber. Às vezes na família: tá aí, tem os filhos, eu não tenho doenças, todo mundo com saúde, a união da família, então cê vê que Deus tá recompensando mesmo! (Entrevista de Lúcia, em 07 de agosto de 2010).

A reciprocidade e a dádiva⁶ são focos da presente discussão, no entanto ela surge de forma clara nessa narrativa, podendo ser análise de outros estudos, pois está presente na religião Católica e, conseqüentemente, na vida das pessoas que fazem parte dessa cultura.

A religião é, antes de tudo, uma construção sociocultural. Portanto, discutir religião é discutir transformações sociais, relações de poder, identidades de classe, de gênero, de raça/etnia; é adentrar num complexo sistema de trocas simbólicas, de jogos de interesse, na dinâmica da oferta e da procura; é deparar-se com um sistema sociocultural permanentemente redesenhado, que permanentemente recompõe as sociedades.

Verifica-se uma persistente hierarquia de gênero que organiza as relações sociais no espaço público, destinando lugares, postos, posições de prestígio, funções específicas, direitos e deveres a cada sexo. A análise a partir das narrativas pretende levantar questionamentos para que a nossa avaliação não seja ingênua: de que a participação de homens e mulheres na vida pública seja aleatória, fruto de desejos pessoais ou resultantes de aptidões ou habilidades naturais a cada sexo. Somos socialmente educados(as) para interessarmos mais ou menos por política, economia, leis, quer sejamos homens, quer sejamos mulheres.

⁶ Segundo Mauss (1974), reciprocidade está baseada na dádiva, ato de dar de forma generosa e gratuita, de receber e de retribuir, formando um processo de solidariedade, ajuda mútua, fortalecendo a confiança, pois no ato de dar existe mais que uma mera troca; existe todo um simbolismo presente que reforça valores humanos, além dos valores econômicos envolvidos: a tese principal do texto *Ensaio sobre a Dádiva* (MAUSS, 1974) está calçada na centralidade que assumem os atos generosos quando indivíduos e grupos efetivam suas trocas em sociedades. Sob estas, são estruturadas as obrigações recíprocas contraídas pelos sujeitos e as formas de solidariedade entre famílias (MAUSS, 1974, p.30). Como para Mauss (1974) a reciprocidade advém da dádiva, que é um ato de dar sem esperar a retribuição, ou seja, de um ato desinteressado por quem dá, mesmo sabendo que quem recebe tende a retribuir. Para Bourdieu (1998), não existe ato desinteressado, ou seja, aquele que dá, espera a retribuição, trazendo os elementos tempo e poder à relação de reciprocidade, sendo o poder adquirido por aquele que dá sobre o que recebe, deixando este na obrigação de retribuir. No entanto, para Wolf (2003), a reciprocidade não é algo existente, dado, ela é construída no processo da relação social. Provém das relações de parentesco, entre familiares, cuja demonstração material da reciprocidade é a troca de presentes, a prestação de serviços, a ajuda a outrem, o consolo, o ato de ensinar e demais formas de expressar amizade emocional ou expressiva.

METODOLOGIA

A incorporação das reflexões teóricas acerca de gênero “como categoria de análise”, o diálogo com a teoria feminista perpassaram todo o processo de construção deste artigo, lente escolhida para realização deste estudo.

De acordo com Minayo (2004), é no universo científico que a construção sistemática da observação participante se torna cada vez mais evidente, uma vez que essa técnica modifica a ação do pesquisador, ao integrar o grupo que vivencia a realidade social, propicia interações que contribuem para a mudança de comportamento do grupo observado de forma não intencional.

A pesquisa utilizou-se de entrevistas sobre a história de vida de mulheres, através de narrativas gravadas em vários encontros formais programados para esse fim e a partir da observação direta e da análise da rotina da vida dessas mulheres, especialmente na família e na comunidade de Soledade.

Este estudo foi desenvolvido com mulheres trabalhadoras rurais líderes na comunidade de Soledade, no município de Manhuaçu, localizado na microrregião de Manhuaçu, Zona da Mata de Minas Gerais. Esta região está situada ao sudoeste do Estado de Minas Gerais, estabelecendo proximidade com os Estados do Rio de Janeiro e do Espírito Santo. É formada por 142 municípios agrupados em sete microrregiões.

O município de Manhuaçu está localizado geograficamente em região montanhosa, na Zona da Mata Mineira, Estado de Minas Gerais, Brasil, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2009) é um município com população estimada em 78.605 habitantes e possui 9 distritos. A distância do município de Manhuaçu até a capital do estado, Belo Horizonte, é de 290 km (DER-MG, 2010)⁷.

O distrito de São Sebastião do Sacramento é formado por 5 comunidades e uma delas é a comunidade de Nossa Senhora da Soledade – local escolhido para realização da pesquisa. Soledade está situada às margens da BR-116, e é uma comunidade formada por pequenos proprietários. A monocultura é uma característica regional, e Soledade também se insere nesse perfil. O cultivo de lavouras de café é o seu principal meio de sobrevivência, seguido pelo cultivo de hortaliças e de grãos apenas para consumo familiar. As características econômicas são similares às da região como um todo. Os(As) moradores(as) de Soledade são pequenos(as)

produtores(as) rurais⁸, meeiros(as), parceiros(as) e diaristas, assim denominados(as) pelos sindicatos rurais, prefeituras e bancos comerciais de Manhuaçu.

Com uma população de aproximadamente 200 famílias e 1100 habitantes⁹, a maioria católica. Em Soledade a religiosidade mantém uma influência importante na vida das famílias que residem dessa localidade. Aproximadamente 80% da população é de orientação religiosa católica e 20% dos demais se dividem entre seguidores da Assembleia de Deus, Maranata e Testemunhas de Jeová, não declaram ou demonstram participar de alguma religião.

Este estudo se constrói desde uma frente de dados para pesquisa documental, observação direta participante, diagnóstico rural participativo e entrevistas com narrativas. No que diz respeito à análise das entrevistas narradas, o primeiro passo é a conversão dos dados através da transcrição das entrevistas gravadas, cujo nível de detalhe depende das finalidades do estudo. Por ser uma técnica para reproduzir histórias, a entrevista narrada é aberta quanto aos procedimentos analíticos que seguem a abordagem e análise dos dados.

A escolha do grupo estudado foi pensada e discutida após análise das características dessas líderes: católicas, moradoras de Soledade, coordenadoras de pastorais ou que possuam cargos (de coordenação) nas pastorais, líderes há mais de 5 anos e que participam de forma efetiva na comunidade. Tendo em vista os objetivos desta pesquisa, essas características foram determinantes na escolha do grupo de 7 líderes do sexo feminino. Denominamos as líderes entrevistadas pelos respectivos nomes fictícios: Clara, Mariana, Lúcia, Vitória, Marta, Célia e Júlia.

Após transcrição fiel e análise do primeiro momento da pesquisa, com as sete mulheres, a participação nas reuniões e encontros da liderança, elegemos 3 para entrevista em profundidade, que foram Clara, Lúcia e Vitória. Elas foram escolhidas após leitura e análise de todas as entrevistas e da identificação daquelas que apresentaram informações mais completas de suas histórias de vida pessoal, familiar, social, de forma mais espontânea e, ainda, que demonstraram maior disponibilidade em participar e contribuir com a pesquisa.

Com essas líderes foram realizados mais quatro encontros formais com entrevistas semiestruturadas (roteiro), além da observação e

⁷ Departamento de Estradas de Rodagem [de Minas Gerais](#) - DER de Minas Gerais – Brasil – 2015.

⁸ São propriedades ou minifúndios, com menos de 1 hectare de terra, outras de 2 a 5 hectares, a maioria das propriedades de Soledade estão dentro desse padrão de medidas.

⁹ Dados fornecidos pelo Programa de Saúde da Família - PSF - Municipal, Secretaria Municipal de Saúde de Manhuaçu.

de conversas em reuniões formais e informais na comunidade; nos encontros, assembleias, celebrações, comemorações, atividades e eventos desenvolvidos pelas pastorais, até o momento em que vários dados mostravam-se repetitivos e eram muito similares nos relatos, nas observações, conversas e mesmo nas entrevistas.

Esta pesquisa se encontra principalmente na possibilidade de que, a partir da experiência de Soledade, novas reflexões e questionamentos possam ser elaborados diante da análise das relações de gênero e poder neste espaço. As ideias e as experiências vividas nas pastorais da comunidade e no conjunto social, político e religioso podem ser caminho para a visualização de uma construção coletiva que busca formas de organização e alternativas de reprodução social e sobrevivência do lugar onde se vive.

CONCLUSÃO

Parece ousado pensar nas políticas feministas direcionadas para igualdade política e social, onde o gênero, a classe, a raça e a etnia sejam incluídos nessa “nova história”, como nos diz Scott (1990). Torna-se relevante que a questão de gênero realmente seja repensada e que os estudos nesse campo possam avançar do descritivo para uma perspectiva mais política e social, provocando mudanças necessárias e importantes nesse processo.

Dessa forma, pensar na relação de gênero é pensar nas relações entre mulheres e homens, as quais são determinadas pelo contexto econômico, social e político – relações construídas historicamente e dialeticamente, que se manifestam de formas diferentes em cada época e lugar.

Assim, a família nuclear e a religião são consideradas, pelo grupo pesquisado, instituições sociais importantes e responsáveis pelo “equilíbrio e a harmonia” da vida em sociedade. No entanto, ainda reproduzem a desigualdade entre homens e mulheres, estabelecendo uma visão androcêntrica do homem enquanto “chefe e provedor” da família, contribuindo para que, nessa relação, as mulheres não tenham interesses autônomos.

Logo, a mulher, por ser, em muitas relações, dependente economicamente do marido e da família, o próprio estatuto de esposa lhe faz ter uma posição naturalmente diferente da dos homens. E, automaticamente, as responsabilidades quanto à assistência familiar são confiadas a ela, como alguém que tem “tempo livre” e “preparo natural” para tal, transformando a vida da mulher em uma jornada de funções e atividades, sobrecarregada pelo trabalho doméstico e o cuidado com os filhos.

Embora tenha tido um avanço na direção da emancipação feminina, no que tange à dependência econômica das mulheres como

esposas, a igualdade sexual não se dá por completo dentro do casamento, pois a divisão dos trabalhos ainda sobrecarrega a mulher, visto que, enquanto o homem – que é o provedor – dedica seu tempo ao trabalho rural¹⁰, a mulher cuida da família, da casa e a sua presença nas atividades da agricultura é tida como “ajuda”.

Somente uma divisão mais igualitária das responsabilidades da família, nas relações de trabalho e na vida em sociedade pode mudar essa situação. Mas, com certeza, essas transformações vão depender de grandes alterações de valores ideológicos, culturais, econômicos e políticos. Tal caminho nos leva à discussão, não só das relações de gênero de forma individualista, mas na luta por melhores condições de vida como um todo e qualquer tipo de preconceito para mulheres, homens, idosos, crianças, índios, negros, entre outros.

Em síntese, durante um longo período, a mulher foi educada para ser somente mãe e esposa, e não para ser estudante, profissional e participar da vida pública e social. Em pleno século XXI, apesar de a mulher ter conquistado vários espaços sociais e profissionais, ainda perpetua valores de fortalecimento da visão androcêntrica e a ideologia da submissão feminina, a qual vem sendo reproduzida ao longo dos tempos e legitimando a ideia de que a mulher é inferior ao homem.

Práticas femininas que evidenciam mudanças sutis e convivem com as práticas tradicionais, mudanças de teor mais radical que se configuram numa tendência a diversas mudanças em alguns campos e esferas sociais, políticas, privadas, públicas, religiosas, entre outras. Foi nesse emaranhado complexo de contradições, paradoxos, ambiguidades e mudanças que se pretendeu construir uma análise das relações de gênero e poder a partir da narrativa de mulheres anônimas na sociedade. Mulheres líderes, que, além das responsabilidades domésticas na família, se inseriram e ocuparam o espaço religioso a partir das pastorais na comunidade de Soledade. Ocorreram mudanças perspicazes e, muitas vezes, quase imperceptíveis num paralelo com a realidade global, mas significativas enquanto elementos gerais de mudanças no quadro das relações de gênero que vêm ocorrendo ao longo do tempo. O espaço ocupado por elas é “lugar” de sociabilidade, mas há uma distância entre a realidade dessas mulheres e a emancipação necessária ou considerada ideal para elas.

O protagonismo feminino nas transformações sociais e políticas que marcaram a modernidade afirmam a capacidade das mulheres em confrontar e modificar os sistemas de dominação baseados nos mais distintos signos de desigualdade social.

¹⁰ Nesta pesquisa, o trabalho é especificamente rural e doméstico e as atividades sociais e religiosas.

Como vimos, esse processo foi influenciado por mudanças significativas nas relações entre homens e mulheres, no âmbito da família, nas possibilidades de participação feminina no mercado de trabalho e na arena política como presenciamos na vida contemporânea.

Acredita-se que esse panorama poderá influenciar mudanças que se fazem necessárias na sociedade, em espaços onde a desigualdade de gênero é evidente, promovendo, assim, uma transformação nas condições de vida das mulheres, como na vida de Clara, Lúcia e Vitória.

Entretanto, apesar dos avanços conquistados, como observados na vida dessas mulheres, verificam-se contradições culturais, sociais e econômicas que acirram as desigualdades de gênero, assim como de raça, etnia e classe social. A persistência de variadas relações de subordinação das mulheres evidencia e sinaliza a dimensão dos desafios que continuarão sendo enfrentados pelos movimentos sociais de mulheres e por todos aqueles que lutam pela eliminação das desigualdades e da diferença e reafirma a necessidade de uma consciência de classe na busca por uma sociedade sem minorias excluídas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDINI, C. A. P. **Costurando Certo Por Linhas Tortas**: um estudo das práticas femininas no interior de igrejas pentecostais. 2008. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal de São Carlos, 2008.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

DA MATA, R. O ofício de etnólogo ou como ter *Anthropological Blues*. In: NUNES, E. O. **A aventura sociológica**: objetividade, paixão imprevisto e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

DEL PRIORE, M. (Org.); PASSANEZI, C. (Coord. de textos). **História das Mulheres no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

GROSSI, M. P. **Masculinidades: uma revisão teórica**. Antropologia em primeira mão, n.75, PPGAS/UFSC, 2004. 30p. Disponível em: <<http://www.antropologia.ufsc.br/primeiraMao.htm>>. Acesso em: 26 jun. 2013.

HEILBORN, M. L. (Org.). **Família e sexualidade**. Editora FGV, Rio de Janeiro, 2004.

KERGOAT, D. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. São Paulo, Cadernos de Pesquisa, v.37, n.132, p.595-609, set./dez. 2007.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**, v.2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. Rio de Janeiro: Abrasco, 2004.

OLIVEIRA, M. J. **Entre amigos**: Antropologia da homossociabilidade masculina em camadas populares na periferia metropolitana da Grande Florianópolis. 2008. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, SC, 2008.

PORTAL MANHUAÇU. **Manhuaçu**: economia e localização. Disponível em: <http://www.manhuacu.com/index.php?name=dados_economicos>. Acesso em: 02 jun. 2015.

ROSADO NUNES, M. J. F. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. Dossiê: feminismo em questão, questões do feminismo. **Cadernos Pagu**, Campinas, v.16, p.79-96, 2001.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, jul./dez. 1990.

SCOTT, J. Histórias das mulheres. In: BRKE, P. (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

SORJ, B. Percepções sobre esferas separadas de gênero. In: ARAÚJO, C.; SCALON, C. (Orgs.). **Gênero, família e Trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2007.

VELHO, G. Observando o familiar. In: NUNES, E. O. **A aventura sociológica**: objetividade, paixão imprevisto e método de pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

WOODHEAD, L. **Mulheres e gênero**: uma estrutura teórica. 2002. Trad. por Deborah Pereira. Disponível em: <http://www.pucsp.br/verer/outro_num.htm>. Acesso em: 05 jul. 2015.

WOLF, E. R. Parentesco, amizade e relações patrono-cliente em sociedades complexas. In: FELDMAN-BIANCO, B.; RIBEIRO, G. L. (Orgs.). **Antropologia e poder**: contribuições de Eric R. Wolf. Brasília: Editora UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Campinas: Editora UNICAMP, 2003.